

## LITERATURA DE CORDEL E CANGAÇO

Luiz Tavares Júnior

### 1. INTRODUÇÃO

A história do Nordeste, bem como sua sociologia estão marcadas por um fenômeno que, à medida do passar do tempo, se avoluma em sondagem e interpretação — o cangaço.

Muitos são os que se debruçam sobre ele, na busca de explicá-lo em suas origens, em sua natureza, em sua evolução, na tentativa de compreendê-lo, sob os mais variados ângulos, da história à sociologia, da antropologia à psicanálise, do jornalismo ao cinema, das artes plásticas à literatura.

Pela história, procura-se levantar suas raízes, seguir seu curso, sobretudo no rastro das figuras maiores — Jesuíno Brilhante — Antônio Silvino — Virgulino Ferreira — Lampião, até sua extinção, com a morte de Corisco, em 25.05.1940.

Por ela, ainda, fica-se a saber que o Cangaço não é um fenômeno isolado, nascido da caatinga, gerado no sertão, mas dá continuidade a situações de beligerância que remontam à colônia, encontra filiação nos cabras de proteção dos feudos e nas lutas de família e se insere num contexto político, do início aos fins da república velha.

Pela Sociologia, seu entendimento brota do regime semi-feudal, vigente no sertão; da situação de opressão, vivida pelos mais pobres, pelos pequenos proprietários; da exploração, a que são submetidos os homens do campo e dos pequenos burgos, pelos grandes proprietários de terra e potentados da política, que os privavam da justiça e da posse dos meios de produção, e os mantinham na fome e na miséria, no pauperismo e na servidão.

Pela antropologia, a compreensão do cangaço ilumina-se nas coordenadas de uma cultura ruralista, de forte tradição agrária, permeada de valores medievais, em que os sentimentos de honra, o dever da vingança são imperativos de um código de ética que mantém a todos nos limites de um quadro comportamental primitivo e bárbaro.

Pela psicanálise, o cangaço passa a contar com uma componente internalizada no subconsciente, advinda de uma sociedade opressora na ordem do sexo. O sadomasoquismo traz também alguma luz, de um lado, no esclarecimento da ação criminosa dos cangaceiros, perpretada, não raras vezes, com requintes de extrema perversidade e malvadez e de outro lado, no comprazimento do leitor-ouvinte.

O jornalismo, por sua vez, sempre se preocupou com o cangaço, desde as primeiras manifestações à sua fase áurea, no esforço das reportagens, com o intuito de informar, de pôr à disposição da curiosidade de todas suas façanhas e peripécias, crimes e virtudes, de suas implicações sociais, ajudando, com depoimentos, entrevistas e análises, a fazer a história deste tipo singular de banditismo.

No cinema está outra poderosa fonte de investigação e auscultação do cangaço. Matéria de filmes, o cangaço inspirou a diretores e roteiristas, preocupados com nossa realidade, em geral, em particular, com a nordestina, interessados em dar ao nosso cinema veio temático intrinsecamente nacional.

As artes plásticas, nas suas manifestações eruditas e, sobretudo, populares, apoderaram-se do cangaço, com vigor e entusiasmo. Inúmeros são os artistas, artesãos que se dedicaram e se dedicam ao assunto, na pintura, no desenho, na escultura, na xilogravura. O poder de sedução que o cangaço exerce sobre eles é enorme, havendo alguns, cuja obra se notabiliza pela dedicação persistente aos motivos do cangaço.

A literatura, entre as artes, talvez tenha sido a primeira a levantar o assunto. *O Cabeleira*, de Franklin Távora — (1876), abre passagem: no romance de 30 do Nordeste, com *Os Cangaceiros*, com *Os Coiteiros*, sua força avulta, sem esquecer que em inúmeras outras narrativas, furtiva e insinuantemente, o cangaço marca sua presença, adquirindo na literatura nordestina força de *leitmotiv*, cuja culminância ocorre com a obra monumental de Guimarães Rosa: *Grande Sertão, Veredas*.

Em nossos dias, contando agora com o concurso da Televisão, assistimos ao processo de mistificação do cangaço, com o Cangaceiro levantando-se como bandeira de luta contra a opressão, como símbolo heróico do camponês explorado.

Se na literatura erudita o cangaço ocupa espaço significativo, na literatura popular, em especial na Literatura de Cordel, constitui-se ele um verdadeiro ciclo — o ciclo do cangaço, vivo ainda hoje, na publicação de folhetos, através da reedição dos clássicos do assunto e da edição até de textos novos, num exemplo de extraordinária vitalidade do tema que parece atender as necessidades da fantasia da alma popular, cuja imaginação se esparrama deleitosamente nas torrentes de vingança e nas bravatas de valentia, nos atos de humilhação a que são submetidos os poderosos, e, por intermédio do mecanismo psicológico da identificação, cria a ilusão de ver-se o leitor encarnado na figura do cangaceiro, juiz justiceiro e senhor distribuidor de proteção.

Nem sempre, porém, o Cordel contempla o cangaceiro como elemento positivo; por vezes, o vê como marginal, criminoso, estrompa, perverso, como excluído do sistema social. Estamos diante de uma posição de ambivalência facilmente percebida por todos quantos se dedicam à análise dos textos cordelinos, numa perspectiva crítica em relação aos aspectos sociais, como teremos oportunidade de ver mais adiante.

## 2. LITERATURA DE CORDEL E CANGAÇO

Duas coisas são tipicamente nordestinas — o cangaço e o cordel, sem que entre ambos haja qualquernexo de causalidade, pois o cordel, além de um fenômeno inteiramente de outra ordem, o antecede no tempo.

A literatura, em qualquer de suas manifestações, alimenta-se da realidade e repousa, como a arte, em geral, nas necessidades do espírito. A alma humana, por sua vez, se alimenta e se diverte na palavra, no discurso, na narrativa.

Os povos, costuma-se repetir, nascem cantando, e pode-se afirmar, sustentam-se, em atenção às exigências do espírito, na criação do texto, como organização superior da arte no quadro da pintura, na partitura da música, no movimento da dança, no espaço preenchido da arquitetura, na forma plástica da escultura, nas linhas do desenho, no discurso da literatura narrativa ou poema.

Diante da realidade, para compreendê-la, senti-la mais profundamente, poder explicá-la ao outro, o homem procura representar, simbolizar e o faz de acordo com suas condições culturais. Sua adesão e sua reação à realidade podem exteriorizar-se nas manifestações da arte. O homem não pode ficar



mudo, calado diante do real. Necessita sair de si, cantar suas alegrias e suas dores, proclamar sua admiração e seu repúdio, em consonância com suas condições psicológicas e histórico-sociais.

O homem nordestino não pode ser exceção: procura na arte sua fórmula de participar da vida, de reagir em face do real. Nos limites de suas condições históricas e econômicas, criou uma arte popular bem característica, de contornos folclóricos bem próprios, sem deixar de repetir, por imitação deliberada ou por imitação casual, modelos culturais, estabelecidos universalmente pela ação dos povos.

Assim é que no campo das artes floresce, no Nordeste, o Cordel, como manifestação popular da literatura, como veículo da expansão do simbólico e do imaginário das classes pobres de nossa população. Como estas classes pobres são numerosas e abundantes ainda hoje, entre nós, o Cordel retira sua perenidade e vitalidade atuais dessa circunstância.

Através do Cordel, esta classe desprivilegiada reage perante a vida e já o praticou de maneira mais intensa e participativa, em outras quadras de nossa história.

Dentre estas quadras da história nordestina está a época do cangaço, com todo seu cortejo de violência, com toda a sua força de rebelião, sendo inquestionavelmente um período épico, capaz (como o foi, diga-se de passagem) de gerar uma literatura expressiva e abundante.

Do cangaço apoderou-se o Cordel, já predisposto ao épico, pelo conhecimento e prática de narrativas tradicionais do gênero, algumas européias, advindas através do ciclo de Carlos Magno; outras nordestinas, através do ciclo do boi ou dos vaqueiros e do ciclo dos valentes (Vilela e Guabiraba, por exemplo).

O cangaço, como nos ensina a Sociologia, é uma forma de banditismo social, já não podendo hoje ser visto como motins de criminosos comuns, mas deve ser encarado como movimento reivindicatório, a vicejar numa sociedade rural, marcada por estruturas sociais injustas, dominada pela opressão e exploração dos economicamente fracos.

Numa sociedade sem leis, primitiva e bárbara, onde não chegava a presença de um poder central forte e disciplinador, a "lei" e a "justiça" estavam sob o exercício de Senhores locais poderosos, que mantinham, às suas expensas, grupos de cabras e jagunços, como garantidores das relações sociais vi-

gentes, a serviço, por vezes, dos interesses das classes dominantes, e, por vezes, dos interesses privados de indivíduos e/ou de famílias.

Ao lado destes jagunços e cangaceiros assalariados, atuavam grupos e bandidos isolados, assaltando e roubando, em benefício próprio. Vivia-se, à época, em contínuas tropelias, em lutas constantes, em verdadeiro pé-de-guerra. Soma-se a tal estado de coisas a calamidade das secas e poder-se-á ter um retrato extremamente trágico e violento do momento histórico em que surge o cangaço, como manifestação de banditismo social.

O cangaço, no Nordeste, teve seu momento histórico e seu *habitat* natural. Concorreram causas sociais e geográficas, para seu surgimento e manutenção.

"A grande região compreendida entre o rio São Francisco e o Vale do Cariri, estendendo-se da serra Quiamaçá à do Martins, daí as faldas da Borborema aos contrafortes da Baixa Verde e dos Dois Irmãos, é o habitat do banditismo." (H e B., p. 11)

Se acrescentarmos a esta natureza adversa, a calamitosa situação da estrutura social vigente — pobreza, ignorância — opressão — exploração, compreende-se melhor e será possível até justificar o cangaço, que vicejou entre 1870 a 1940.

No cangaço, há alguns traços que deveriam interessar ao Cordel:

1) O sentido de valentia:

"Em pequeno eu só brincava  
Com menino muito mau;  
Não brinquei nunca com gaita,  
Com carrinho ou berimbau,  
O meu brinquedo era faca,  
Ou espingarda de pau."

(Antônio Silvino — p. 72)

Tem cangaceiro em meu grupo  
Que pega onça co'a mão,  
Bota cascavel no bolso,  
Surucucu no surrão  
Come urubu com sal  
Assim haja precisão

(Canção de Antônio Silvino, p. 13

A. Silvino).

2) Sentimento de honra:

Confesso que sou homicida  
Mas não sou deshonrador  
De mulher casada ou donzella  
Nunca ofendi ao pudor  
E até me glorio em ser  
Da honra um defensor.

(A vida de Antônio Silvino — p. 40)

3) Obrigação da vingança e desejo de justiça:

"Vendo eu que a justiça  
Procedia desta sorte  
Resolvi então eu mesmo  
Vingar de meu pai a morte."

(Tomo IV — p. 56)

Eu chamei pela justiça  
Esta não quis me escutar  
Me vali do bacamarte  
Vi esse me auxiliar  
Nele achei todas as penas  
Que um código pode encerrar.

(Tomo IV — p. 23)

4) Oposição à prepotência:

Saibam manejar o rifle  
Sejam bons escopeteiros  
Defendam os oprimidos  
Tirem só dos fazendeiros  
Persigam os traidores  
Não perdoem os opressores  
Sejam peritos guerreiros:

(Tomo IV — p. 188 Amigo do Povo)

Se acabará o despotismo  
O orgulho e poderio  
Não haverá mais gatano  
Todo mundo terá brio

(Tomo IV — p. 130)

(Tira força do poder, p. 131)

Para completar o paradigma, em razão do aspecto de meio de comunicação inerente ao Cordel, pode-se juntar, do lado do leitor, o prazer da notícia das altas façanhas e dos baixos crimes praticados pelos cangaceiros.

"Primeiro é ser criminoso  
Dar provas que é valente  
Romper três horas de jogo  
Nunca ter se acovardado  
E ter seu rifle marcado  
Com a morte de muita gente."

(*Romanceiro de Lampião* — p. 101)

No distrito de Cajazeiras  
Perto do lugar Tatús  
Em um casamento eu fiz  
Os noivos dançarem nus  
Pintou-se o sete e o bode  
E no meio do pagode  
Mandei apagar a luz.

(*Romanceiro de Lampião* — p. 103)

### 2.1 O romanceiro do Cangaço

O cangaço, durante sua vigência, empolgou todo o Nordeste, do sertão às capitais. Razões históricas, ambiência geográfica e fatores culturais muito contribuíram para seu surgimento e alimentaram sua existência, por mais de três quartéis de século.



"O Nordeste brasileiro  
Vive sempre aflagelado  
Pelo o analfabetismo...  
Que assola pelo o estado.  
Pagés e catimboseiros  
Criminosos e cangaceiros  
Que os sertões tem criado."

(M. de Andrade — p. 100)

A época é de crime e violência. A insegurança é absoluta e a atração do cangaço encontra ressonância na alma selvagem e bárbara do homem do sertão.

"Ali ninguém mais ignora  
Já todo mundo anda armado  
Porque quem vai tomar banho  
Leva seu rifle embalado  
E só se apanhe algodão  
Com o bacamarte de lado."

As agruras da vida, as asperezas do meio, a falta de justiça impelem muita gente ao cangaço, que pode oferecer a muitos um *modus vivendi* mais promissor, quando não mais, ajustado ao aventureirismo e aos instintos de morte de alguns espíritos.

"Querendo tanger comboio  
Até sou bom comboeiro  
Querendo fazer sapato  
Até sou bom sapateiro  
Querendo andar no cangaço  
Até sou bom cangaceiro,  
Que isso de matar gente  
É serviço mais maneiro."

(Do cancionero popular)

Entre os humildes e grande parte da população camponesa, o cangaço se afigurava como uma profissão normal — entrar para o cangaço, por vezes, constitui até ponto de honra, escolha fatal, quando se tinha um crime a vingar, a dignidade a reparar, sendo preferível viver debaixo do cangaço a sentar praça.



"Como ninguém ignora  
Na minha pátria natal  
Ser cangaceiro é a coisa  
mais comum e natural;  
Por isto herdei de meu pai  
Este costume brutal..."

(Chagas Batista, Tomo IV — p. 155)

O cangaço rivaliza com os ofícios mais apreciados, com as funções sociais mais admiradas, o cangaceiro ombreando com qualquer profissional de elogiado desempenho:

"Ali se aprecia muito  
Um cantador, um vaqueiro  
Um amansador de poldro  
Que seja bem catingueiro  
Um homem que mata onça  
Ou então um cangaceiro."

(Chagas Batista, Tomo IV — p. 23)

A vida de um cangaceiro reproduz-se na do outro, com pequenas variações, que ajudam a compor um paradigma, facilmente assimilado, cujas articulações a sintaxe do Cordel, em suas narrativas épicas, revela e apregoa, através de uma retórica de exaltação e coordenação, que se traduz numa semântica de ambigüidade.

Levando vida de fora-de-lei, o cangaceiro corre em dois trilhos paralelos, mas contraditórios:

Em um, equilibra-se como justiceiro, como defensor dos pobres, como protetor da honra e garantia de certos direitos; em outro, evidencia-se como criminoso, como profanador da moralidade, como perturbador da ordem e ameaçador da propriedade.

A princípio, corre bem no trilho da direita, recebendo, nos primeiros instantes, o aval dos humilhados e oprimidos. Incapaz de conter-se nesta linha, cedo destempera-se na bitola do segundo e resvala vertiginosamente pela linha de hediondez e da maldade.

Três nomes de cangaceiros podem servir-nos como protótipos: Jesuíno Brilhante — Antônio Silvino e Virgulino Ferreira da Silva — Lampião. A figura do cangaceiro, com todas as suas contradições, adquire nítido contorno no exemplo ta-

lhado por eles; e se exacerba, se acentua um pouco em cada um, para atingir o ápice em Virgulino — Lampião.

Seguiremos, agora, sua trajetória pelo Cordel, na voz do cantador, na narrativa versificada do poeta popular, em suma, na visão do cancionero popular nordestino. O Cordel ajudou a fixar a imagem do cangaço, impossível hoje de ser entendido, se não se recorre ao texto dos folhetos, ao discurso cordelino.

### 2.1.1. Jesuíno Brillhante: O cangaceiro fidalgo.

#### A) Dados Bibliográficos:

"Jesuínio Alves de Melo Calado, depois chamado Jesuíno Brillhante, foi o cangaceiro gentil-homem, o bandoleiro romântico, espécie matuta de Robin Hood, adorado pela população pobre, defensor dos fracos, dos anciãos oprimidos, das moças ultrajadas, das crianças agredidas. Nasceu em Tuiuiú, Patu, Rio Grande do Norte, em 1844 e morreu lutando em Santo Antônio, águas do riacho de Porcos, Brejo da Cruz, Paraíba, em fins de 1879. Sepultaram-no no mato, no lugar "Palha". Seu crânio, exumado pelo seu amigo Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro, esteve longamente na Escola Normal de Mossoró e foi presenteado no Rio de Janeiro ao Prof. Dr. Juliano Moreira. Uma rixa de sua família com a família dos Limões, em Patu, valentões protegidos pelos políticos, tornou-o de pacato agricultor em chefe de bando invencível em 1871. Ficaram famosos os assaltos à cadeia de Pombal (Pe) para libertar seu irmão Lucas (1877) e, no ano anterior, à cidade do Martins (RN). Cercados pela polícia local, Jesuíno e seus dez companheiros abriram passagem através das casas, rompendo as paredes cantando a cantiga "Curujinha" e desapareceram. Ia sempre, disfarçado, às cidades maiores, hospedando-se em residências amigas, adquirindo munições e víveres. Durante a seca dos dois sete (1877) arrebatava os víveres dos comboios oficiais para distribuí-los com os famintos. Nunca exigiu dinheiro ou matou para roubar. Sua popularidade prestigiosa perdura na memória do sertão do Oeste norte-rio-grandense e fronteira paraibana com admiração e louvor inalteráveis. Rodolfo Teófilo estudou-o no seu romance *Os Brillhantes* e Gustavo Barroso, num ensaio no *Heróis e Bandidos*; Rodrigues de Carvalho publicou o "ABC de Jesuíno Brillhante" no *Cancioneiro do Norte*; ver "Jesuínio Brillhante", *Acta Diurna*, na *A República*, Natal, 31 de maio e 7 de junho de 1942, com informações da família, descendentes e colaterais."

B) A. B. C. de Jesuíno Brillhante.

Pouca coisa pude encontrar na literatura popular sobre Jesuíno Brillhante, considerado o maior cangaceiro do século XIX.

Além do folheto — A verdadeira História de Jesuíno Brillhante, de José Alves Sobrinho, dos textos antigos, resta-nos o A.B.C. de Jesuíno Brillhante, transcrito no *Cancioneiro do Norte*, de Rodrigues de Carvalho.

DE JESUÍNO BRILHANTE — Rio Grande do Norte — 1877

A

Agora com geral celícia,  
Todos na sociedade  
Quando chegou a notícia:  
Jesuíno na cidade,  
Eram todos a dizer:  
Por certo há novidade.

B

Bastante fiquei vexado,  
Me levantei fui olhando,  
Era o senhor Jesuíno  
Sua escolta acompanhado,  
Bem vestido e bem montado,  
Pela rua foi passando.

C

Com grande sinceridade,  
Pela rua navegou  
E encontrando um sujeito,  
Por Porfírio perguntou...  
Com quem tinha algum negócio  
Sua casa procurou.

D

Dignamente chegando  
Na porta logo esbarrou  
Salvando a D. Luzia

Que o Porfírio não achou;  
Respondeu e disse a ela  
De mim não tenha pavô...

**E**

Então, Senhor Jesuíno,  
Presumindo o que deseja  
Tinha mandado comprar  
Vinho, genebra e cerveja,  
Embora o seu portador  
Violento homem seja.

**F**

Foi um caso admirável,  
Esse agora que vos digo,  
Todo o povo da cidade  
Geralmente reunido;  
Que todos desejavam ver  
Jesuíno no perigo.

**G**

Gritava com presunção  
O comandante da armada;  
Para o senhor Jesuíno  
Temos mortalha cortada,  
Temos algemas de ferro,  
Gargalheira preparada.

**H**

Há um negócio importante,  
Que me trouxe aqui agora,  
Como não achei Porfírio  
Me retiro, vou-me embora;  
Ficará prá outro dia,  
Se encontrá-lo por fora.

**I**

Idéia não fez o homem  
Que estava descuidado,  
Quando chegou a notícia



O senhor é atacado  
A tropa está reunida,  
O senhor já é cercado.

J

Já eu sei D. Luzia,  
Que o Porfírio não está  
Mas enquanto não beber  
Não posso me arretirar  
— Já mandei um portador  
Ele pouco há de tardar.

K

Kalendário de distrurbio  
Hoje aqui há de se ver,  
Se me vierem cercar  
Muita gente há de sofrer  
Os que mais me arrojarem  
Hão de chorar e gemer.

L

Levante-se D. Luzia,  
Sem beber não me retiro,  
Somos todos cangaceiros,  
Bem podemos dar uns tiros  
Se me vierem cercar  
Verão o que nunca viram.

M

Mansamente respondeu  
O Senhor Antônio de Ó:  
Se me vierem cercar  
Meu patrão não fica só  
E tal seja o meu destino  
Que farei botarem dó.

N

Nesta mente estamos todos,  
Respondeu o João Delgado,  
Comigo contem por certo

Contra qualquer empregado.  
Ao depois que der uns tiros,  
Então serei retirado.

O

Oh! que barulho como êste  
No Martins,\* nunca se deu,  
Muita vontade perdida,  
Muita gente glória deu  
Desta batalha tão forte  
Que Jesuíno venceu.

P

Por certo gritou: o rôlo  
Que neste dia se deu  
Pelo subdelegado  
Todo o mal se procedeu,  
Que o Alferes, sem desejo,  
Constrangido cometeu.

Q

Quem será teu defensor  
Nesta serra do Martins?  
Não podes contar vitória,  
Brevemente terás fim.  
Pouco terá que viver  
Quem a ti não vir o fim.

R

Ramalho com presunção  
Jesuíno sem temor:  
"Tenha sentido no cerco,  
Que eu brevemente me vou.  
Não posso ficar aqui,  
Que eu desta terra não sou."

\* — Cidade do Rio Grande do Norte.

S

Saíram todos do cerco  
Livre e salvo de perigo,  
Deus lhe concedeu a vitória  
Pois não mereceu castigo.  
Voltaram os empregados  
Fortemente constrangidos.

T

Todos romperam o cerco  
Sem temor e sem demora,  
Jesuíno repetindo:  
"Está chegada a minha hora,  
Tenha sentido no cêrco  
Que a boiada vai-se embora!"

U

Unidos ficaram todos  
Com muito boa união:  
O povo ficou dizendo:  
Lá se foram, lá se vão.  
Voltaram os empregados  
Mal servidos, sem razão.

V

Voltaram os combatentes,  
Indo o alferes baleado  
E o Juiz Municipal  
Com um braço bem cravado.  
Os mais, dizem que gemiam  
Lastimando o seu estado.

X

Xorando ficaram muitos  
Sem ter remédio que dar,  
Bem empregado te seja,  
Quem mandou tu ires lá?  
Jesuíno e sua gente  
Nunca te fizeram mal.

## Z

Zombando foi Jesuíno  
Pabulando a sua estória,  
O alferes João Francisco  
Com tristeza foi embora,  
Chegando no Rio Grande  
Já deu baixa sem demora.

O til é letra do fim  
Vai-se embora o navegante,  
Me procure quem quiser,  
Cada hora e cada instante,  
Me acharão sempre às ordens:  
Jesuíno Alves Brilhante.

Este A.B.C. faz eco às virtudes do cangaceiro gentil-homem, na alusão implícita à coragem e valentia de Jesuíno Brilhante, com a narração de sua vitória sobre o poder constituído.

"Voltaram os combatentes  
Indo o alferes baleado,  
E o Juiz Municipal  
Com um braço bem cravado  
Os mais dizem, que gemiam  
Lastimando o seu estado."

Fica explícito o caráter cavalheiresco, o proceder respeitoso do cangaceiro, na fidalguria do trato, nas palavras de saudação à dona da casa:

Dignamente chegando  
Na porta logo esbarrou  
Salvando a D. Luzia  
Que o Porfírio não achou  
Respondeu e disse a ela  
De mim não tenha pavô.

Vitorioso, o cangaceiro retira-se sob o aplauso de todos, a admiração do povo, a cujo serviço sempre está:



O til é letra do fim  
Vai-se embora o navegante  
Me procure quem quiser  
Cada hora e cada instante  
Me acharão sempre às ordens  
Jesuíno Alves Brillhante.

### 2.1.2. Antônio Silvino — O rifle de ouro

Se é pouca a produção literária em torno de Jesuíno Brillhante, são abundantes os folhetos sobre Antônio Silvino.

Todas as qualidades que se exigem de um cangaceiro, exornaram a personalidade de Manoel Batista de Moraes — por antonomásia — Antônio Silvino — Silvino em "homenagem ao seu mestre de lutas — Silvino Aires" — permanecendo desconhecida a origem da alcunha de Antônio.

Para ele se transferem as qualidades anteriormente possuídas por Jesuíno Brillhante, já agora intensificadas na criação dos poetas populares — como Leandro Gomes de Barros — João Martins de Ataíde e, sobretudo, Francisco das Chagas Batista — o grande trovador das gestas de Antônio Silvino.

### ANTÔNIO SILVINO — RESUMO DE SUA VIDA

"Manuel Batista de Moraes nasceu em 1875 na cidade pernambucana de Afogados da Ingazeira. Seu pai, Batistão, era brigão famoso na cidade, e por volta de 1895 foi assassinado por inimigos políticos, o que causou a entrada de seu filho Manuel para o bando do cangaceiro mais famoso da época, Silvino Aires, o "Caolho". Após a morte de seu chefe, assumiu ele mesmo a liderança do grupo; em honra do falecido, chamou-se Antônio Silvino.

Silvino costumava realizar suas operações tanto no sertão quanto na região açucareira. Nunca teve consigo mais de seis camaradas, para manter sua mobilidade. Assaltava fazendas, roubava sacos de correspondência, assassinava adversários políticos e chantageava comerciantes ricos. Poupano os pobres, não permitindo que nenhum de seus companheiros fosse atrevido com as mulheres (há uma infinidade de anedotas sobre a honradez dos cangaceiros), ganhou fama de "ladrão bom, honrado", foi comparado pelos sertanejos ao legendário ladrão Dimas, que por circunstâncias adversas tornou-se la-

drão, mas por sua bondade conseguiu perdão e acesso ao reino dos céus como um dos dois ladrões na crucificação de Jesus. Antônio Silvino não foi tão amado pelos oficiais de polícia e pelos políticos do partido do governo: ele "fiscalizava" eleições, influenciava jurados a favor de seus protegidos e cobrava impostos. Em alguns municípios do interior só se ouvia falar de Antônio Silvino.

Em 1914, um oficial até então desconhecido, Teófanos, conseguiu surpreender o cangaceiro e prendê-lo. Num processo sensacional, ele foi condenado à pena máxima de trinta anos de prisão. Depois de vinte e cinco anos, foi indultado por bom comportamento. Até sua morte, em 1944, viveu como trabalhador em Minas Gerais, na companhia de sua filha.

Antônio Silvino foi o primeiro cangaceiro cuja fama pessoal chegou até o último rincão do Brasil. Histórias sobre ele encheram várias colunas na imprensa do Rio e São Paulo. No Nordeste conseguiu, mesmo por ocasião de seu processo, desviar a atenção da perigosa situação política mundial na Europa. O cangaceiro Antônio Silvino tornou-se para toda a nação um mito.

Podem-se encontrar as mais importantes dissertações sobre a história de sua vida em: *Um Sertanejo e o Sertão*, de Ulisses Lins de Albuquerque; *Serrote Preto*, de Rodrigues de Carvalho e *Heróis e Bandidos*, de Gustavo Barroso.

De simples bandoleiro passa Antônio Silvino, na épica do Cordel, o herói místico: em seu nascimento, ocorrem fenômenos extraordinários: parteira, assistentes e curiosos predizem avisos espantosos; poderes mágicos o protegem; forças misteriosas o tornam infenso a bala, a punhal; como um gênio, um duende, vara o sertão e as cidades, com auréola de invencível, capaz de derrotar o próprio demônio, como o fez, inferior apenas à potestade divina. Sua vida reproduz o duelo entre o Bem e o Mal, passível de compreensão na extrema ambigüidade que permeia a realidade do cangaço. O cangaceiro, na linha de Jesuíno Brilhante e de Antônio Silvino, é a encarnação dos dois princípios: o bem e o mal: o bem, como princípio da justiça; o ponto da honra; a defesa do oprimido, vai, contudo, cedendo, paulatina e celeremente, lugar ao sinal — fonte da morte, ameaça à propriedade, causa da intranqüilidade social. É quando o cangaceiro perde o apoio social e todos passam a exigir o seu fim, a reclamar seu extermínio, como sacrifício expiatório já agora de uma carreira considerada celerada, criminosa.

Sem a grandiosidade das epopéias clássicas, o Cordel criou uma epopéia nordestina, popular, ao nível de compreensão das massas rurais, no trato da festa dos cangaceiros, com reprodução de "topoi" tradicionais, e também com inovações ao nível da significação.

Do tópico tradicional, temos a caracterização do cangaceiro como herói mítico e até a tradicional descida aos infernos, numa contratação cabocla da peregrinação de Eneas à região dos mortos.

A passagem do cangaceiro pela morada do diabo faz-se à moda de sua errância pela terra; guiado por um padre (e um sacristão), toma ciência do lugar, visita seus companheiros mortos e subjuga o demônio:

Venho do mundo dos vivos  
Sahi esta madrugada  
Vim visitar Rio Preto  
E dar adeus a Cocada  
Vá me chamar Antônio Félix  
Meu colega e camarada.

Então diga a Relâmpago  
Meu antigo companheiro  
Que agora faço intenção  
Deixar de ser cangaceiro,  
Isto é, não deixo o rifle  
Que é quem me rende dinheiro.

O Diabo estremeceu  
A meus pés ajoelhou-se  
Pedi-me dez mil desculpas  
Depois disto confessou-se  
Tanto que outro diabo  
Gritou de fora — danou-se!

Na história de Antônio Silvino, repete-se a tópica da gesta do cangaço: entrada no cangaço por vingança — luta com onça — defesa da mulher e dos fracos; nele, porém, não se realiza a glorificação final do cangaceiro — morrer sem se entregar à polícia, o que trouxe embaraço a Chagas Batista, para justificar sua rendição à volante, com visível quebra do elo final que arremata seu destino trágico.

Com Antônio Silvino, surge uma componente nova, na história do cangaço: a preocupação explícita com a política —



o cangaceiro dizia-se homem de oposição. O poeta popular se apercebe deste conteúdo do cangaço. Há três textos em que se torna explícita esta compreensão por parte do poeta de cordel: *A política de Antônio Silvino* — 1908; *Os Decretos de Lampião* — 1925, ambos de Chagas Batista; e *Se Lampião fora Presidente ou os Projetos de Lampião* de João Martins de Athayde, por volta de 1928.

O texto *A Política de Antônio Silvino* é um compêndio matuto das idéias sócio-políticas, herdadas do liberalismo do século passado.

Uma introdução — em que o cangaceiro se proclama candidato das oposições e baseia sua plataforma na luta contra a isenção dos impostos e a lei do sorteio militar, implantada no Governo de Afonso Pena, no ano de 1908. Estes dois itens coincidem perfeitamente com os dois objetivos maiores que mantêm Antônio Silvino debaixo do cangaço: oposição ao Governo naquilo que mais importunava o pobre sertanejo — a cobrança dos impostos — malbaratados, no consenso de todos, pelos danos do poder; oposição ao governo, na recusa à lei do sorteio militar, de recrutamento de jovens para o exército, então, muito mal visto pelo povo.

Ameaça "enorme guerra civil" e se diz governador do sertão, em cidades da Paraíba — Pernambuco e Rio Grande do Norte. Seu programa de governo, "conveniente e moderno", brada novamente contra os impostos, os membros da justiça; contra os padres interesseiros; apregoa o ensino obrigatório, a derrubada de cadeias, sobre cujos escambos edificará escolas.

Defende um igualitarismo universal na posse da terra e no trabalho; torna o casamento obrigatório, aos 20 anos de idade; insurge-se contra o preto, em manifesta confissão racista:

"A terra será em comum  
Todos se apossarão  
Ninguém pagará mais foro  
Para fazer plantão  
Não haverá nesse tempo  
Nem criado nem patrão.

Todos hão de ter direito  
Será geral igualdade  
O que foi rico, terá



Ao que foi pobre, respeito  
O graúdo Senhor de engenho  
Irá trabalhar no eito.

Aos vinte anos de idade  
Todo homem há de casar,  
Não consentirei que o branco  
Ouse ao preto desposar  
Porque os negros para a África  
Todos hei de afastar.

Em relação aos costumes, dá continuidade a preconceitos antigos; como déspota esclarecido, apregoa o partido único:

Acabarei com o divórcio  
Ninguém se há de descasar  
Quem deflorar uma moça  
À força há de a esposar!  
E será mui castigado  
Quem a esposa abandonar.

Somente ao meu poderio  
Todos hão de obedecer  
Não haverá outra política  
Para a minha combater  
Porque quem se levantar  
Contra ruim há de morrer!

Pela boca do cangaceiro, num procedimento narrativo de autodefesa, como insinua Donald Daus, o popular faz-se porta-voz de propostas avançadas para a época, em termos de educação, de defesa da igualdade de direitos da posse da terra, da livre expressão do pensamento e da crença, num ideário, cuja atualidade não perde em nossos dias, seu vigor, e por cujos intentos exige-se transformação:

E essa transformação — p. 134 T. IV  
Traz grandes melhoramentos  
Todos terão seus direitos  
De crenças e pensamentos;  
Haverá plena igualdade  
E eis ahí meus intentos.

(C.B.T. IV — 16)

### 2.1.3. Virgulino Ferreira da Silva — Lampião — Rei do Cangaço.

Com Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, o império do cangaço atinge seu fastígio. Em sua pessoa dá-se a concentração de tudo que compõe a figura do cangaceiro. Como das faces de um prisma, irradiam-se dele aquelas qualidades e defeitos com que o matuto sonha exornar-se a personalidade de um cangaceiro. É a salvação e o flagelo do sertão; a esperança e a decepção de todos; a alegria e a tristeza do povo; deus e o diabo na terra de sol. Em vida, herói e anti-herói das populações sertanejas; na não-vida do cangaço um mito — que é “tudo e não é nada”; na morte, um símbolo do Nordeste.

“Era brabo, era malvado  
Virgulino, o Lampião  
Mas era, pra que negá  
Nas fibras do coração  
O mais perfeito retrato  
Das caatingas do Sertão.”

Em Lampião, como num emblema, estampam-se as características do cangaceiro, só que com a virulência extrema de um ferro em brasa. Sua trajetória é a reprise épica da história de todo cangaceiro: entrada no cangaço por vingança; vida errante de guerrilheiro; morte em combate, sem rendição. Tudo isso, porém, em se tratando de Lampião — o rei do cangaço — atinge o paroxismo nas realizações.

Lampião não é uma repetição pura e simples; não é uma conta a mais no rosário do cangaço. Sua vida tem traços tão individualizantes, nos caminhos do bem e do mal, que desconcertam todos aqueles que se aproximam de sua história.

Esta, por sua vez, mostrou-se impotente para contê-lo em seus limites. Lampião escapa dela e passa a habitar o espaço da mitologia. E o Cordel é um dos grandes responsáveis pela cunhagem mítica da imagem do filho de Águas Belas.

#### LAMPIÃO — RESUMO DE SUA VIDA

“No centro de Pernambuco / No Nordeste brasileiro / No ano de novecentos / A 12 de fevereiro / No termo de Vila Bela / Nasceu esse cangaceiro”, escreve o poeta popular José Cordeiro sobre a data e lugar de nascimento de Virgulino Ferreira da Silva.

A cidade de Vila Bela chama-se, desde 1939, Serra Talhada. Já aos dezessete anos, Virgulino tomou parte em embates bélicos, como membro de uma tropa de capangas. Depois da morte de seu pai (assassinado por uma patrulha policial), entrou o jovem "efetivamente" para o cangaço e para o bando do fidalgo Sebastião Pereira. Depois que seu chefe emigrou para Mato Grosso, assumiu Virgulino, por volta de 1922, a liderança do grupo, já sob o nome de "Lampião" (era capaz de acionar tão rapidamente o gatilho de sua espingarda que ficava ininterruptamente sob clarão do fogo, luzindo como um grande "lampião"). Começou sua carreira com fatos até então inauditos, assaltou cidades com seus camaradas (por exemplo Patos, na Paraíba), saqueou-as, semeou o terror por toda a região. Em 1926, estava no auge de seu poder; ele se definia como "Rei do Sertão". Com sua tropa, que chegou a atingir um efetivo de quatrocentos cangaceiros, controlava o interior de sete Estados do Nordeste: Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia. Quando, neste ano, a Coluna Prestes, de rebeldes revolucionários de caráter social, atingiu o Nordeste, o caudilho de Juazeiro (Ceará), o famoso Padre Cícero, concedeu ao cangaceiro, que era seu amigo, a patente de capitão da polícia, para defesa contra esse perigo. Mas Lampião nem pensou em perseguir os rebeldes. Ele aproveitou a distração de seus "colegas" da polícia para continuar impunemente seus assaltos.

No ano de 1927, o cangaceiro ousou até assaltar a segunda maior cidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, centro do comércio (com 30.000 habitantes), tentativa malograda graças à determinação defensiva dos mossoroenses. Depois organizou-se uma batida contra Lampião. Todos os Estados do Nordeste se uniram por contrato para prender finalmente o cangaceiro. Ele fugiu para a Bahia (1929), onde ficou quieto por um ano. Depois, porém, voltou a perpetrar seus crimes lá também. Assaltou a cidade de Queimadas.

Na Bahia, Lampião conheceu Maria Déa, mulher de um sapateiro. Ela fugiu com ele e acompanhou-o até sua morte como "Maria Bonita". É a mulher mais famosa no cangaço. Sua história de amor dramatizada por Rachel de Queirós (*Lampião*, Rio de Janeiro, 1954) e aproveitada por vários diretores de cinema.

A época de 1930 e 1938 caracteriza a decadência do cangaço. Consolidação política, campanhas culturais, construção de estradas, enfraquecimento do poder dos coronéis, tudo isto junto acabou com os cangaceiros. Só mudando constantemente



de esconderijo é que Lampião pôde sobreviver à perseguição das tropas policiais, os "macacos". Finalmente, em 1938, o oficial de polícia alagoano Bezerra encontrou-o na gruta de Angicos. Num ataque de surpresa, foram fuzilados todos os cangaceiros que lá estavam (inclusive Maria Bonita). Cortaram-lhes as cabeças e levaram os troféus, perfurados de balas e em semidecomposição, em marcha triunfal até Maceió. Atualmente podem ser vistas no museu Estácio Lima, em Salvador.

A morte de Lampião teve um epílogo: seu amigo Corisco vingou seu líder, cortando igualmente a cabeça dos vaqueiros da Fazenda de Angicos. Mas, pouco tempo depois, também ele foi fuzilado.

Lampião, que era cego de um dos olhos, foi, já em vida, a essência do cangaceiro brutal, sem consideração, perverso e ávido. Todo o mal imaginável pode ser encontrado na sua pessoa. Com astúcia demoníaca conseguia livrar-se de seus perseguidos e aniquilá-los no momento certo, como no massacre de Serrote Preto, em que unidades policiais de Pernambuco e da Paraíba se destruísem mutuamente, sem que os oponentes notassem que estavam matando sua própria gente. Seus crimes são de uma crueldade que clama aos céus. Ao lado disso, entretanto, estão sua tendência ao misticismo, seu amor por Maria Bonita, seu desprezo pelos ricos fazendeiros, sua confiança no santo Padre Cícero, suas aventuras romancescas (por exemplo, quando tirou da Baronesa da Água Branca as moedas e jóias do tempo do Imperador, com as quais ela costumava enfeitar-se). Foi um bom poeta popular, tocava acordeão e é provável que tenha composto a canção "Mulher Rendeira" que se tornou famosa por causa do filme "O Cangaceiro", que se baseou em sua vida. (A canção foi registrada pela primeira vez por Mário de Andrade, *Ensaio sobre a Música Brasileira*, p. 115-117). Lampião era um homem cheio de contradições, com muitas características boas e muitas abomináveis. Na luta um herói, nas agressões covardes, um animal. Sua imagem é discrepante, como o posicionamento dos sertanejos em relação a ele.

Pormenores sobre a vida de Lampião se encontram sobretudo em Rodrigues de Carvalho, *Serrote Preto*; Luís Luna, *Lampião e seus Cabras*; Nertan Macedo, *Capitão Virgulino Ferreira Lampião* e Optato Gueiros, *Lampião*. Breve descrição da carreira de Lampião (na verdade mais fantástica do que objetiva).



A bibliografia do Cordel, incontável e variada, passada e atual, sobre Lampião, esquadilha sua fotografia, narrando, com fidelidade, lances reais de sua vida e práticas de sua ação, e imaginando situações, em incursões profundas pelos campos da fantasia.

O poeta popular e o cantador, como narradores, sabem ser fiéis os fatos e, por outro lado, sabem imaginá-los fantasiosos, como ninguém. Identificados com seu público, por originários que são de uma mesma realidade cultural, conhecem muito bem as necessidades de informação e as necessidades estéticas e psicológicas a que devem satisfazer, em seus leitores.

Nesta palestra, gostaria de me ater em alguns aspectos da narrativa de Cordel sobre Lampião, passando ao largo da narrativa épica propriamente dita sobre fatos reais ou imaginados de sua vida, contemplando a narrativa cômica pouco abordada, em folhetos como: A Chegada de Lampião no Inferno; A Chegada de Lampião no Céu (ambos de José Pacheco); Lampião fazendo o diabo chocar um ovo, (José Costa Leite); A grande briga de Lampião com o homem que virou bode (Manuel de Almeida Filho).

Apresentam-no como substituto de Antônio Silvino, atribuindo-lhe parentesco, pondo Lampião na linha de sucessão, numa justificativa de decadência, a assegurar o direito a Virgulino Ferreira de assumir a coroa de rei do cangaço.

Depois que Antônio Silvino  
Se entregara a prisão  
Ficou substituindo-o  
Virgulino Lampião  
Um cangaceiro ilustrado  
Que com um grupo bem armado  
Domina o alto sertão.

(C. B. Tomo IV. 244)

Lampião era parente  
Do grande Antônio Silvino  
E trouxe quando nasceu  
De ser bandido o destino  
A parteira que o pegou  
Um dia profetizou  
Que ele seria assassino.

(C. B. Tomo IV. 245)

Sabedores da inclinação supersticiosa da alma sertaneja, os poetas populares procuram colocar a vida de Lampião sob a égide de forças sobrenaturais, sob a potestade de satanás. Submetem-no aos rituais de fechamento de corpo pelo feiticeiro Macumba; Mefistofelicamente, apregoam seu pacto com o demônio:

Foi a casa de Macumba  
E elle fez o serviço  
Fechou o corpo do rapaz  
P'ra bala, faca e feitiço,  
Então, disse a Lampião:  
Não haverá valentão  
Que pise no teu toitiço.

Primeiro ele sujeitou-se  
A um processo arriscado  
Em um caixão de defunto  
Passou a noite trancado  
O feiticeiro o ungiu  
E quando ele de lá saiu  
Estava de corpo fechado.

Então fez alvo do peito  
E o feiticeiro atirou  
A bala batendo nele  
Somente a roupa rasgou.  
Caiu no chão amassada  
E nem mesmo a dor da pancada  
Ao herói incomodou.

Disse-lhe o velho Macumba:  
Agora podes brigar,  
Bala não te fura o couro  
Faca só faz arranhar  
Feitiço não te ofende  
E a polícia só te prende  
Depois que eu me acabar.

(O Pacto com Satanás)

Disse o diabo: a proposta.  
Que eu te venho fazer  
É p'ra me dares um calix

De teu sangue p'ra beber  
E levar dele um signal  
Para o velho maioral  
Que tudo pode fazer.

Estou pronto, tire-me o sangue  
Respondeu-lhe Lampião.  
E o diabo com a unha  
Furou-o perto do vão  
Tirou-lhe o sangue e bebeu  
Uma parte outra escondeu  
No fundo do matulão.

Disse o diabo a Lampião  
Nosso pacto está formado  
Terás o que desejares  
Sem seres incomodado  
E se em perigos caíres  
Não precisa te afligires  
Que estarei sempre a teu lado.

Enquanto tiveres vida  
Teu corpo defenderei  
E no dia em que morreres  
A tua alma levarei  
Para o meu reino infernal  
Onde impera o maioral  
A quem sempre servirei.

Lampião disse: colega  
Vá embora descansado  
Que o pacto que fizemos  
Por mim será executado.  
O diabo se retirou  
E a fortaleza ficou  
Fedendo a chifre queimado.

Cientes ainda da natureza exaltada do sertanejo, ébria por feitos de valentia e atos de coragem, os poetas populares preparam a entrada triunfal de Lampião no cangaço, submetendo-o à prova de fogo — o duelo de vida e morte com uma onça — a fera do sertão no estilo tradicional da tópica matuta da épica cordelina.

Entrou numa grande furna  
E dentro ouviu um rugido  
Foi o ronco d'uma tigre  
Que o deixou aturdido;  
O rifle apertou na mão  
Porém nessa ocasião  
Foi pelo seu agredido.

Desenrola-se o combate; a onça arrebatá-lhe o rifle, em seguida, a garruncha; o perigo cresce e Lampião enfrenta a fera a punhal para, afinal, matá-la sangrada.

Pulou para trás, e o chapéu  
Numa das mãos segurou  
E quando a onça partiu  
Ele os olhos lhe tapou  
E marcando-lhe o pé da guela  
Seu punhal enterrou nela  
E dentro a arma deixou.

A tigre ao ver-se ferida  
Um enorme salto deu  
E por cima d'um lagedo  
O corpo em cheio estendeu  
E mortalmente ferida  
Rugindo enraivecida  
Ali mesmo ela morreu.

(C. B. Tomo IV — p. 272/3)

Encontra-se Lampião, a essa altura, preparado; cumpriu-se nela a liturgia ritualística para ingresso no cangaço: o fechamento do corpo, pacto com o demônio, o batismo de fogo — a luta vitoriosa com a onça. Para proteção definitiva, leva ao pescoço o patuá de orações aos santos: São Correr, São Ligeiro, São Traíçoeiro, São Brado, São Vigilante, São Escopeteiro, São Desconfiado, São Cuidado e São Dorme Pouco. Agora seria o que o diabo quisesse:

“Disse Lampião aos pais,  
Minha derrota está feita  
A dita não me quer mais  
Sei que a desdita me aceita  
Aquele que Deus não quer  
O Diabo é que não enjeita.”



Não seguirei, no entanto, seu rastro de morte; não abrirei espaço aos poetas e cantadores para a celebração das gestas do famoso bandoleiro: a marcha a Mossoró; a visita ao Padre Cícero, no Juazeiro; o assalto à Baronesa de Águas Belas; seus combates sangrentos, seus crimes hediondos.

Não me deterei em seu projeto político; já o fez o Prof. Diatay Bezerra de Menezes, no artigo: Estrutura Agrária: protesto e alternativas na poesia popular do Nordeste — *Rev. de Ciências Sociais* n.ºs 1 e 2/82.

Passarei por sobre sua vida, para assistir à sua chegada no Inferno; seu debate com São Pedro, na entrada do céu; sua humilhação pelo bode misterioso; a humilhação do demônio por Lampião. Privilegiarei o cômico, o humorístico, em detrimento da narrativa épica.

Como já afirmamos, o poeta conhece bem seu leitor, seu público consumidor, em suas preferências e gostos.

Entre estes, está o gosto pelo cômico, o que faz rir, o que diverte, sem refinamento numa imagística grosseira, na manipulação de uma semântica só pela gente mais simples conhecida e apreciada.

Esta tradição herdou o Cordel da Idade Média européia, adaptando-a às nossas condições culturais. "O cômico hagiográfico" e o "humorismo de cozinha", relatado por Curtius, haveriam de repercutir na literatura do povo, tão arraigada nos esquemas literários medievais de origem popular.

A figura do cão, suas estrepolias, as imagens que o metáforizam, mesmo os santos, em certos traços, têm predisposição acentuada para provocar o riso, o ridículo, através de ações e palavras em situações de um ludismo muito simples, compatível com a alma ingênua do nosso sertanejo.

Ao lado de uma ingenuidade inocente, emparelha-se, por vezes, o grotesco, em tom grosseiro, a provocar comicidade por força de objetos e fatos, protegidos pelo tabu, na ordem do libidinoso e do sagrado.

A morte de Lampião e o conseqüente desaparecimento do cangaço provocaram um vazio na narrativa épica do Cordel. Os poetas, então, foram procurá-lo no outro mundo, no reino de satanás, onde, com maior certeza, deveria estar. Um cabra de Lampião, que andava a fazer malassombro:

"foi quem trouxe notícia  
que viu Lampião chegar:  
O inferno neste dia  
faltou pouco pra virar

incendiou-se o mercado  
morreu tanto cão queimado  
que faz pena até contar.

Morreu a mãe de Canguinha  
O pai do Forrobodó  
Três netos de Parafuso  
Um cão chamado Cotó  
Escapuliu Boca Ensossa  
e uma moleca moça  
quase queimava o totó.

Morreram 100 negros velhos  
que não trabalhavam mais  
e um cão chamado Trás-cá  
Vira-volta e Capataz  
um cão chamado Goteira  
cunhado de Satanás.

Fere-se uma luta tremenda: levanta-se todo o inferno contra Lampião: um exército de negros. Fica bem claro o preconceito de cor no Cordel, cuja aversão ao preto é inconteste.

Quando Lampião deu fé  
da tropa negra encostada  
disse: — Só na Abissínia  
oh! tropa preta danada  
o chefe do batalhão  
gritou: As armas na mão  
toca-lhe fogo negrada.

Lampião pôs em retirada os negros; incendiou-se, na luta, o mercado e um armazém de algodão. Não tendo com quem brigar, Lampião regressa, provavelmente ao Sertão.

"Leitores vou terminar  
Tratando de Lampião  
Muito embora que não possa  
Vos dar explicação  
No inferno não ficou  
No céu também não chegou  
Por certa está no sertão."

Como o sertão não é morada de mortos, o mesmo poeta José Pacheco vai achá-lo, na entrada do céu, em discussão com São Pedro.

"Abriu (São Pedro) na frente o portão  
ficou na trave escorado  
branco da cor de um finado  
quando viu Lampião  
mas com a trave na mão  
não temeu de lhe falar  
e disse aqui não se dá  
aposento a gente mau  
se não quer entrar no pau  
acho bom se retirar.

Lampião lhe respondeu  
não venha com seu insulto  
você é um santo besta  
que ofensa lhe fiz eu?  
E mesmo o céu não é seu  
você aqui é mandado  
portanto esteja avisado  
se não deixar eu entrar  
nós vamos experimentar  
quem é que tem bom guardado.

Ali falou São Bernardo  
que também vinha chegando  
— Pedro você está brincando  
com este cabra safado?  
Vá me chamar São Ricardo  
e São Francisco da Penha  
diga a São Tomé que venha  
e chame São Juvenal  
traga um pau de quintal  
e uma lasca de lenha.

São Pedro ergueu-se nos pés  
e disse de cara feia:  
pra dar num cabra de peia  
não precisa oito nem dez  
e gritou por São Moisés

vamos dar no bandoleiro  
saltou no meio do terreiro  
até preparando a faca  
gritando quebra uma estaca  
arranque um pau do chiqueiro.

São Paulo estava na quinta  
mas ouvindo a discussão  
apertou o cinturão  
e botou a faca na cinta  
encontrou Santa Jacinta  
que já vinha no caminho  
e disse a Santo Agostinho  
arretorcendo o bigode:  
arreda que tu não pode  
eu pego o cabra sozinho.

Porém antes de pegar  
desceu um grande corisco  
jogado por São Francisco  
da porta do quinto andar  
num tremendo ribombar  
um trovão também desceu  
o espaço escureceu  
veio um forte pé-de-vento  
Lampião neste momento  
dali desapareceu.

(N. M., p. 100/1)

Sutilmente, percebeu-se, nos dois textos, tratamento diferente em relação ao poder de Lampião. No inferno, sua arrogância é grande; ombreia-se com os demônios de quem sai vitorioso. Lúcifer e Satanás os dois manos assistem à batalha. O cangaceiro canta vitória.

Na sua maldade, o cangaceiro confunde-se com o diabo, é seu parceiro; faz pacto com ele; e entra no cangaço sob sua proteção.

No céu, os santos são nomeados por seus nomes verdadeiros; apesar do antropocentrismo, Lampião encontra-se em inferioridade.

No inferno não teve boa recepção, por ser uma ameaça à ordem, à segurança do poder. No céu, não tem guarida, por ser cangaceiro:



"Você não entra atrevido  
São Pedro lhe disse assim  
ingresso a quem é ruim  
nesta porta é proibido  
não sabes que sois bandido  
roubador da vida humana?  
Alma ferina e tirana  
coração cruel, perverso  
como, queres um ingresso  
nesta mansão soberana?"

(N. M., p. 100)

Nem Deus, nem Jesus Cristo se deram à pachorra de tomar conhecimento da presença de Lampião em seus domínios celestes. Do alto de sua soberania, tudo ignoraram. Na opinião de estudiosos, tal atitude reflete o distanciamento de Deus do homem e de seus interesses na terra, por parte da divindade, na visão do Cordel. Mais próximo do mundo do sertão, em correrias constantes, está o Diabo, diz Gustavo Barroso. Aliás, os cangaceiros, como Antônio Silvino, Lampião, entraram em luta corporal com o demo; até cantadores (Manuel das Cabeceiras) cantaram desafio com o diabo. O sertão como habitat natural do cangaceiro pode servir com facilidade de pousada do demônio.

#### CONCLUSÃO:

O cangaço é, de fato, um produto de nossas condições culturais. Para sua compreensão plena deve-se mobilizar o esforço de várias ciências sociais, sem que se possa descuidar a contribuição da literatura popular.

Ao mesmo tempo em que se pode vê-lo como manifestação de luta de classe, como realização da prática de banditismo social, muita coisa escaparia, se não pudéssemos vê-lo na iluminação da compreensão do Cordel.

O poeta popular e o cantador alargam seu entendimento e o revelam como foi percebido e sentido pela alma do povo, em sua visão de mundo, forjada por complexos e inúmeros fatores de ordem histórica, social, geográfica, ética e religiosa.

Para o poder, o cangaceiro é a encarnação do mal, o elemento perturbador do sistema, a ameaça da ordem, a destruição da propriedade. Para o camponês, poderá ser o arrimo, o braço da justiça, a força vingadora, o caminho da salvação, sem

deixar de ser o terror, a intranqüilidade, o fator de desagregação da paz da família e da sociedade.

Nesta ambigüidade, o Cordel revela a natureza do cangaço, em suas implicações, com a história e a sociologia, com a antropologia e a psicologia, numa riqueza de penetração que só a arte, em geral, e a literatura, em particular, alcançam.

A imagem que hoje conservamos do cangaceiro é aquela estampada pela arte: a pintura, a música, a xilogravura e a literatura, em que se esbatem os contornos da maldade, para se acentuar as marcas da valentia e de defesa da honra.

É um fenômeno que ocorreu com quase todos os cangaceiros, sobretudo, com Virgulino Ferreira — Lampião, em que se apagaram os traços de sua realidade histórica, para dar lugar ao mito-Lampião, nas terras do Sertão, de onde não desaparecem.

"No país dos nordestinos  
de agouros infinitos  
ainda se ouvem os gritos  
do seu feroz combater  
na toada das rendeiras  
na voz do cego das feiras,  
o peito quente do povo  
espera o seu renascer.  
Corpo afora sem cabeça,  
virou alma do outro mundo,  
meduso de um profundo  
sono sem amanhecer..."

CONCLUSÃO:

O cangaço é, de fato, um produto de nossas condições culturais. Para sua compreensão plena deve-se mobilizar o conhecimento científico, porém com que se possa alcançar a contribuição da literatura popular. Não se trata de uma ciência que se baseie na análise de textos literários, mas de uma ciência que se baseie na análise de textos literários e de textos populares. O conhecimento científico não pode ser aplicado de forma mecânica, mas deve ser aplicado de forma crítica e criativa. O conhecimento científico deve ser aplicado de forma crítica e criativa, e não de forma mecânica. O conhecimento científico deve ser aplicado de forma crítica e criativa, e não de forma mecânica.